

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica

Tatiana Santuzza Rodrigues

MÚSICA E ROTINA: construindo alternativas na Educação Infantil

Belo Horizonte

2019

Tatiana Santuzza Rodrigues

MÚSICA E ROTINA: construindo alternativas na Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

Belo Horizonte

2019

R696m Rodrigues, Tatiana Santuzza, 1978-
Música e rotina [manuscrito]: construindo alternativas na educação infantil / Tatiana Santuzza Rodrigues. - Belo Horizonte, 2019.
33 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

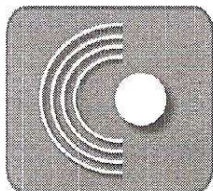
1. Educação. 2. Educação pré-escolar. 3. Música na educação.

I. Título. II. Santos, Cláudio Emanuel dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.21

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

Catálogo na Fonte*: Biblioteca da FaE/UFMG Bibliotecária † : Moema Brandão da Silva CRB/6-1581 (Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “MÚSICA E ROTINA: Construindo Alternativas na Educação Infantil”, do(a) aluno(a) **Tatiana Santuzza Rodrigues**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Cláudio Emanuel dos Santos (orientador) e Valmir Alcântra Alves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho A Prova de, atribuindo-lhe a nota 94,5, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Tatiana Santuzza Rodrigues
Tatiana Santuzza Rodrigues

Registro na UFMG: 2018750369

Cláudio Emanuel dos Santos
Cláudio Emanuel dos Santos
Professor(a) Orientador(a)

Valmir Alcântra Alves
Valmir Alcântra Alves
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Tatiana Santuzza Rodrigues

MÚSICA E ROTINA: construindo alternativas na Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

BANCA EXAMINADORA

Professor Valmir Alcântara Alves (Examinador)

Professor Cláudio Emanuel dos Santos (Orientador)

Belo Horizonte, 07 de Dezembro de 2019.

Música para ouvir no trabalho
Música para jogar baralho
Música para arrastar corrente
Música para subir serpente
Música para girar bambolê
Música para querer morrer
Música para escutar no campo
Música para baixar o santo
Música para ouvir música
Música para compor o ambiente
Música para escovar o dente
Música para fazer chover
Música para ninar nenê
Música para tocar novela
Música de passarela
Música para vestir veludo
Música pra surdo-mudo
Música para estar distante
Música para estourar falante
Música para tocar no estádio
Música para escutar rádio
Música para ouvir no dentista
Música para dançar na pista
Música para cantar no chuveiro
Música para ganhar dinheiro
Música pra fazer sexo
Música para fazer sucesso
Música pra funeral
Música para pular carnaval
Música para esquecer de si
Música pra boi dormir
Música para tocar na parada
Música pra dar risada
Música para ouvir música

Música para ouvir
(Arnaldo Antunes e Edgard Scandurra)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade relatar um projeto de intervenção realizado com a turma de 5 anos da EMEI Nova Esperança. Com o objetivo de buscar um diálogo com o fazer musical na educação infantil, priorizou-se analisar os aspectos da rotina escolar e construir momentos em que a música pode ser utilizada com as crianças como forma de expressão, explorando o repertório musical trazidos pelos alunos. Este projeto foi realizado através de pesquisa qualitativa, utilizando registros em diário de campo e recursos audiovisuais como forma de acompanhar as ações das crianças. Para nortear esta pesquisa, foram utilizados os documentos oficiais, RCNEI (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil) e Proposições Curriculares para Educação Infantil entre outros estudos. Nessa experiência, verificou-se a importância da criação de estratégias na educação infantil para a área musical, porém constatou-se a necessidade de um prévio conhecimento adquirido pelo professor seja através de estudos ou pesquisas, para dar continuidade ao processo e levar as crianças a uma experiência musical mais contextualizada.

Palavras-chave: Música, Educação Infantil, Rotina.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil

PPP - Projeto Político Pedagógico

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

OP – Orçamento Participativo

ACEPAT – Atividades Coletivas de Planejamento e Avaliação do Trabalho escolar

LASEB – Curso de especialização *Lato Sensu* em Educação Básica

RECNEI – Referencial Curricular para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Contextualização: a EMEI Nova Esperança	10
1.2 Caracterização das crianças	12
2. DIÁLOGO COM A LITERATURA.....	13
2.1 Rotina na educação infantil.....	13
2.2 Repertório cultural das crianças.....	14
3. PROJETO DE INTERVENÇÃO: primeiras experiências	17
3.1 A construção do projeto	18
3.2 Diário de bordo.....	19
3.2.1 Primeiro momento: escuta ativa das músicas das crianças	19
3.2.2 Segundo momento: estabelecendo o diálogo	20
3.2.3 Terceiro momento: a letra musical alternativa	24
3.2.4 Quarto momento: a produção do videoclipe.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A partir de algumas reflexões sobre minha prática enquanto professora da educação infantil e a questão da forma sobre como trabalhamos a música com as crianças me trouxeram a este projeto. Conversando com algumas professoras, pude observar que geralmente, não utilizamos o canto e a música como formas de expressão, simplesmente entoamos alguma cantiga para levar as crianças a fazer o que se pede segundo a letra da canção, geralmente em fila ou em regime postural, assentados e em silêncio, ou para mantê-los em ordem. O que pode ser definido como concepção tradicional de ensino, como aponta Nogueira (2005):

É perceptível, no entanto, a hegemonia de concepções pedagógicas tradicionais, nas quais a música, quase sempre reduzida à forma de canção, não tem especificidade ou conteúdos próprios. Serve sempre de estratégia para a obtenção de padrões de comportamento, tais como lanchar, formar a fila, descansar (“musiquinhas de comando”) ou para a fixação de conteúdos de outras áreas (canções para conhecer as vogais, para aprender os numerais), na questionável tentativa de uma alfabetização precoce (NOGUEIRA, 2005, p.2).

Desta forma, observamos que durante um longo período utilizou-se a música na educação infantil de forma mecânica, desconsiderando seus elementos como linguagem. Ainda hoje, alguns professores da educação infantil, e aqui me incluo com grande preocupação, asseguramos assim os momentos de rotina e preparação das crianças para começar alguma atividade. Distantes do contexto musical, como um meio para acalmá-los ou para ensinar alguma disciplina, de forma descontextualizada e bem diferente das orientações trazidas nos documentos oficiais. Como aponta o PARECER CNE/CEB Nº:12/2013:

[...] a presença da música nas escolas tem, em muitos casos, sido reduzida à realização de atividades pontuais, projetos complementares ou extracurriculares, destinados a apenas alguns estudantes; relegada a uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento de outras disciplinas; utilizada muitas vezes como rituais pedagógicos de rotinização do cotidiano escolar, tais como marcação dos tempos de entrada, saída, recreio, bem como das festas e comemorações do calendário escolar (PARECER CNE/CEB Nº:12/2013 p.5).

Porém ressalto que o intuito desta pesquisa não tem como objetivo rotular ou desprezar o trabalho de colegas de profissão, que estão em constante busca por aperfeiçoamento e em alguns casos, não possuem condições sejam estas financeiras

ou de disponibilidade de tempo, para buscar por algum estudo mais aprofundado na área musical. Justificado também em parte pelo retorno do ensino de música às escolas, depois de um longo período sem a disciplina Música como conteúdo e currículo, que emerge como uma proposta sob a qual, nós professores, não vivenciamos como alunos, além da falta de investimentos nesta área, como exemplifica Nogueira (2011):

Este é, por sinal, um grande entrave para nós: o espaço destinado à música em grande parte dos currículos de formação de professores é ainda incipiente, quando existe. É preciso investir significativamente na formação estética (e musical, particularmente) de nossos professores, se realmente quisermos obter melhores resultados na educação básica (NOGUEIRA, 2011 p.112).

Com a promulgação da Lei 11769/2008, a qual torna obrigatório o ensino de conteúdos musicais nas escolas, e sob a concordância com documentos oficiais como o Referencial Curricular para Educação Básica (RCNEI/MEC), os Parâmetros Curriculares para Educação Infantil de Belo Horizonte e na própria LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), buscamos dados e embasamento para dialogar com a prática desta pesquisa.

Na tentativa de desvincular estas repetições diárias, traçamos um plano de ação para a turma de cinco anos da EMEI Nova Esperança, como forma de incentivar a utilização da música de maneira diferenciada, criando um diálogo com o fazer musical. Utilizando o repertório trazido pelas crianças e o material que dispomos em sala de aula, ou até mesmo a sua escassez, buscando uma experiência mais significativa.

Foram coletadas algumas informações acerca das vivências musicais das crianças, sob a forma de conversas informais e anotações em diário de bordo e a partir daí começamos a conhecer esta criança que está na sala de aula, seus interesses, vivências e gostos musicais.

Este projeto foi realizado através da abordagem qualitativa, tendo em vista a importância da presença do pesquisador na busca e coleta de dados in loco, e sobretudo incutindo suas opiniões e reflexões para aprimoramento da prática, como define Flick (2009):

[...] os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de

simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do entrevistador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos e etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação. (FLICK, 2009, p. 25)

Na primeira parte da pesquisa foram abordados aspectos sobre a instituição em que foi realizado o projeto de intervenção, sua história juntamente com a caracterização da turma escolhida. Em seguida, no segundo capítulo, foram feitas observações sobre a rotina escolar e suas implicações na educação infantil. Neste mesmo capítulo, discutiu-se a respeito da representatividade das crianças na escolha do repertório musical trazido para sala de aula e a importância de entender a criança como ser social e produtora de cultura. No terceiro capítulo discorro sobre o projeto de intervenção dividido em quatro momentos de interações com as crianças, através de um breve diário de bordo com fotos.

1.1 Contextualização: a EMEI Nova Esperança

A Escola Municipal de Educação Infantil Nova Esperança está localizada na av. Américo Vespúcio, 1998 Bairro Nova Esperança. Devido a sua localização, a escola atende a uma clientela heterogênea, considerando vários aspectos sociais, econômicos, afetivos e cognitivos. Recebe crianças vindas de vários bairros em seu entorno e uma parcela das comunidades vizinhas, Sumaré e Pedreira Prado Lopes, porém estas últimas em menor número, devido à presença de EMEIS e creches conveniadas nas proximidades destas comunidades (entre elas, EMEI Pedreira Prado Lopes, EMEI Maria da Glória Lommez, EMEI Vila Senhor dos Passos e EMEI Pedro Lessa). O fácil acesso a duas vias rápidas como a av. Antônio Carlos e a av. Presidente Carlos Luz e ainda a proximidade do Anel Rodoviário justifica o atendimento de famílias dos bairros Nova Cachoeirinha, Ermelinda, Aparecida, Nova Esperança, Caiçara e Bom Jesus. Também está situada nas proximidades do Shopping Del Rey e cemitério da Paz, tem pontos comerciais variados bem próximos, quatro linhas de ônibus na porta da escola e acesso a postos de atendimento de saúde.

O projeto de construção desta escola foi escolhido pela comunidade local por meio do Orçamento Participativo (OP) - 2005/2006, um programa da Prefeitura de Belo Horizonte onde a comunidade elege através de voto, prioridades em algumas

obras do governo. Segundo relatos de professoras mais antigas da escola, a nova instituição até então se chamaria “UMEI Arthurzinho” que a princípio foi pensada para ser escola infantil e um centro de convivência para donas de casa e idosos, além de uma cooperativa para fabricação e venda de produtos de limpeza produzidos por estes. A UMEI foi entregue, já sob o nome de “UMEI Nova Esperança” no formato proposto pela PBH, logo os planos estabelecidos acima pela comunidade escolar não foram concretizados, poucas professoras conhecem a história deste projeto, o que impossibilitou descrever os motivos desta negativa, além de não constarem no PPP - Projeto Político Pedagógico da escola.

As inscrições para pleitear a vaga na escola tiveram início em 07 de Junho de 2011, onde mais de 700 famílias inscreveram seus filhos para um total de 260 vagas, sendo 40 delas para tempo integral - crianças de 0 a 2 anos – e 220 para horário parcial - crianças de 3 a 5 anos. A inauguração oficial da escola foi em 12 de Agosto de 2011. Hoje atende um total de 289 crianças, sendo 27 matriculadas no período integral e 262 de período parcial.

No ano anterior, com a aprovação da lei N.11.132, de Setembro de 2018, as UMEIs (Unidade Municipal de Educação Infantil) recebem uma nova nomenclatura, passam a se chamar EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil). Geridas sob nova condição e novo nome, estabelecidos na lei publicada, as unidades, antes vinculadas a escolas de ensino fundamental, ganham autonomia, com diretor próprio, vice-diretor, coordenador pedagógico geral, secretário de escola e bibliotecário. Até este momento, as Umeis tinham à frente vice-diretoras, subordinadas à direção do colégio à qual a unidade é vinculada.

Ao todo somam-se 63 funcionários, entre estes, 38 professoras, 3 coordenadoras, uma diretora e uma vice diretora, 4 auxiliares de cozinha, 4 auxiliares de limpeza, 9 auxiliares de apoio à inclusão e educação infantil, e 2 porteiros e 1 vigia. Possui estacionamento, playground, anfiteatro, oito salas de aula, salas dos professores, instalações sanitárias adequadas para crianças, cozinha, refeitório, sala multiuso/biblioteca com um pequeno acervo, distribuídos em uma área ampla, privilegiada no aspecto físico. Entre os dois prédios existe um jardim e atrás das salas, uma grande área onde as crianças brincam coletivamente em suas atividades diárias.

Um ponto a ser ressaltado é o envolvimento das famílias com a escola, que com muito trabalho do grupo escolar, vem sendo construído e consolidado com o

passar dos anos. Através de atividades voltadas para a integração e a participação das famílias ao longo do ano letivo, entre estes se destacam a mostra cultural, festa da família e a despedida dos alunos de 5 anos.

Conversando com a equipe, percebemos que ainda existem desafios a serem vencidos na questão do acolhimento da criança com deficiência. O grupo aponta a falta de suporte na estrutura física, além de bons materiais para um atendimento integral destas famílias. A situação este ano ainda se agravou devido a recente troca de empresas que gerenciam o quadro de pessoal. Muitos funcionários serão demitidos até o final do ano devido ao concurso obrigatório criado pela PBH para o cargo em questão.

Não existem cursos de formação gratuitos para os professores e demais funcionários, ficando a cargo e despesas do próprio professor a busca de maior conhecimento sobre as questões trazidas por esta criança. Segundo as professoras, este fato não as impede de estar sempre pesquisando, seja no diálogo com os pais e posto de saúde ou na busca por informações sobre as deficiências e todo processo de cuidados que cada uma necessita. Porém, questionam a falta de oportunidades de tempo extra-turno para sanarem estas questões, além de recursos financeiros para arcar com estudos na área.

1.2 Caracterização das crianças

Turma do Beija-flor, foi o nome escolhido pelas crianças atendendo ao projeto institucional da EMEI, que se trata de um projeto macro onde a escola elenca uma temática a ser desenvolvida no ano em questão. Este tema é escolhido pelo grupo de professores e gestores através de coletas de opiniões e eleito através de votação entre os mesmos para em seguida, serem repassados para as crianças escolherem o nome de suas turmas. Este ano optaram pelo tema *cuidados com a natureza* enfatizando *bichinhos de jardim*, aproveitando o fato de que a EMEI é cercada por uma extensa área com flores e um grande canteiro de horta.

A turma é constituída por vinte e uma crianças, sendo 12 meninas e 9 meninos na faixa etária de 5 anos. A maioria delas já estão matriculadas na EMEI desde 2016, o que facilitou o processo de adaptação de cada uma às rotinas da escola. São alegres dinâmicos e muito curiosos, sempre atentos e dispostos a desenvolver as atividades

propostas pela professora. Como a maioria das crianças dessa faixa etária, também estão sempre em conflito por brinquedos ou outros dilemas do dia a dia. Estão em processo de alfabetização, a maioria já escreve seu próprio nome e/ou reconhece as letras do alfabeto.

As famílias se mostram preocupadas e participativas, a grande maioria faz questão de estar presente nos eventos da escola. Têm um bom envolvimento com a professora que se mostra receptiva aos anseios destes pais. Utilizam na maioria das vezes a agenda escolar como canal de comunicação entre família-professor, comparecem às reuniões de pais e participam dos projetos e atividades propostas pela EMEI e pelas professoras.

2. DIÁLOGO COM A LITERATURA

2.1 Rotina na educação infantil

Em vários momentos se discute a rotina na educação infantil, este termo pode levar a um entendimento pesado, de atividades repetitivas e massantes. Porém, com a contribuição de algumas pesquisas, observamos que a rotina escolar pode contribuir nas relações de vínculo e segurança para as crianças recém chegadas ao ambiente escolar, ao passo que para as crianças que já estão acostumadas a ela, cria-se a noção temporal de chegada, saída e utilização dos espaços por todos, além de alguns princípios ligados à cidadania e autonomia para entender o mundo que a cerca. Segundo Andrade (2010):

É importante considerarmos que a rotina, além de possibilitar a organização do cotidiano, contribui para a constituição de subjetividades, visto que é por meio dela que as crianças, desde pequenas, nas famílias e nas instituições de educação infantil, aprendem sobre os rituais e hábitos socioculturais da sociedade. (ANDRADE, 2010, pag. 161)

Entretanto, neste mesmo estudo, Andrade (2010), traz um resultado mais abrangente sobre as rotinas em creches que visitou, onde a maioria assume um caráter *escolarizante*, visando manter a criança ocupada em atividades “direcionadas pelo adulto, muitas vezes fragmentadas e sem conexão, enfatizando um trabalho

pedagógico desenvolvido por áreas curriculares e por projetos de atividades”(ANDRADE, 2010, p.167), o que impossibilita a criança de explorar o mundo a sua volta:

[...] as práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições priorizam o cumprimento de uma rotina previamente estabelecida, dificultando o espaço para o imprevisto, para o lúdico e para a interação social. O compromisso com uma educação infantil cidadã implica a organização de uma rotina que permita às crianças o riso, a alegria, a criatividade, a autonomia, o prazer, o lúdico, a descoberta, enfim, o direito de ser criança. (ANDRADE, 2010 pag.168).

Portanto, conhecer e procurar entender a rotina como um dos aspectos fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho na educação infantil é de suma importância. Ela está diretamente interligada ao sistema de funcionamento da escola como um todo, porém não esquecendo que o primordial é o foco na criança e suas especificidades. Rotinas rígidas podem ser um agravante na construção da autonomia e liberdade de expressão da criança pequena.

2.2 Repertório cultural das crianças

Em minha trajetória na educação infantil foram poucos os momentos em que trabalhei com as turmas de 4 e 5 anos, pois na escola sempre optei pelo trabalho com as crianças menores, de 0 a 2 anos de turno integral, onde cuidar e educar toma uma dimensão diferente no trabalho do professor da educação infantil, configurando especificidades distintas. Não cursei pedagogia, e acredito que talvez este seja o motivo de uma certa insegurança em trabalhar nas turmas das crianças de maiores.

Este ano fui desafiada a trabalhar com as crianças de 4 a 5 anos, desde então estou experimentando, aprendendo e principalmente sendo testada por elas. Entre erros e acertos, vamos construindo alguns diálogos e olhares a respeito de seus gostos e atitudes. Pela especialização do LASEB e toda a abordagem de significados que esta pesquisa envolve, tenho os observado em suas brincadeiras e conversas a diversidade cultural trazida por elas de forma mais criteriosa. O brincar para elas se torna uma forma de expressão ativa de seus sentimentos e produção de conhecimentos, Quinteiro (2002) aponta dois elementos importantes nesta prática: por meio da brincadeira a criança é capaz de construir significados para as ações que

realiza e também sobre a importância do reconhecimento simbólico das crianças de construir cultura.

As crianças procuram dar sentido ao mundo a partir de suas vivências trazidas de casa, situações de seu cotidiano escolar, da mídia e sociedade em geral. São seres sociais e apreendem individual e coletivamente através de suas experimentações. De forma colaborativa vão construindo suas culturas, esta entendida por Corsaro (2009) como cultura de pares, “um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com os seus pares” (CORSARO, 2009, p.32).

Interessante poder percebê-los como crianças ativas, que trazem consigo sua cultura e que possuem voz, apesar de ainda serem tão pequenas, sabem muito bem o que querem e estão muito atualizadas sobre as tecnologias e o mundo ao seu redor. Para Corsaro (2011), as crianças são vistas como seres sociais envolvidos em uma rede social já existente e, por meio do desenvolvimento da comunicação e da linguagem, interagem e constroem seus mundos sociais, segundo o autor:

[...] a produção infantil de cultura de pares não é uma questão de simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto. As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações do seu mundo. Dessa forma contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. (CORSARO, 2011, p.53).

As crianças demonstram suas preferências pelas músicas tocadas nas mídias televisivas, internet e afins ao passo que também estão inseridas na cultura escolar com músicas de cunho direcionado ao universo pedagógico. Aqui nos deparamos com uma questão, qual repertório trazer para a sala de aula? Trabalhar o que as crianças trazem ou negar tudo e enfatizar somente o que o professor julga ser suas referências musicais?

Na minha visão não há uma dicotomia e sim possibilidades que se apresentam tanto no que a escola oferece e também no que alunos trazem de seus contextos culturais. Nesse sentido, alguns estudos vêm apontando a importância de não desprezar as vivências das crianças para se para iniciar o trabalho pedagógico para o ano letivo com determinado grupo, concomitante neste processo, para a educação musical não poderia ser diferente.

Como apoio neste contexto, o Referencial Nacional para a Educação Infantil (RECNEI/MEC) recomenda ao professor a necessidade de estar sempre atento às demandas trazidas pelas crianças. Observando seu universo de vivências e culturas na intenção de envolvê-los em uma experiência musical concreta, na tentativa de proporcionar momentos prazerosos junto a este processo. “As marcas e lembranças da infância, os jogos, brinquedos e canções significativas da vida do professor, assim como o repertório musical das famílias, vizinhos e amigos das crianças, podem integrar o trabalho com música.”(BRASIL,1998,RCNEI/MEC). E ainda em conformidade com este documento:

O professor deve procurar ouvir o que dizem e cantam as crianças, a “paisagem sonora” de seu meio ambiente e a diversidade musical existente: o que é transmitido por rádio e TV, as músicas de propaganda, as trilhas sonoras dos filmes, a música do folclore, a música erudita, a música popular, a música de outros povos e culturas (BRASIL, 1998, p.64).

Sem o intuito de me delongar sobre o assunto, mas a título de entendimento e futuros estudos, é possível dizer que este assunto divide opiniões entre alguns professores de música e estudiosos da área que, preferem não dar tanta ênfase ao trabalho com as músicas tocadas nas mídias, como aponta Brito (2003):

A escolha do repertório de canções deve privilegiar a adequação da melodia, do ritmo, da letra e da extensão vocal, ou seja, a tessitura. É aconselhável aproveitar as contribuições que as próprias crianças trazem, o que não significa trabalhar apenas com músicas veiculadas pela mídia, que costumam ser, infelizmente, as menos indicadas para a realização do trabalho (BRITO, 2003, p. 94).

Contudo, ressaltamos que o presente trabalho se configura em uma ponta de um grande iceberg. Acreditamos que essa cultura pode ser democrática e mediada pelo professor a fim de que se faça uma troca de experiências entre as crianças, e até mesmo criança/professor. A partir deste pressuposto, podemos criar bases para trabalhar com uma vivência musical diversificada, que também pode incluir a preferência musical desta criança em questão, que anseia por ouvir e cantar suas músicas preferidas com seus colegas de turma. Como analisa Subtil e Sebben (2010,2015), ao dizer que esta cultura midiática se faz presente no contexto dessa nova noção de infância do século XXI, transformando em um outro tipo de espaço social da criança:

Se aprofundarmos essa reflexão devemos pensar sobre o papel da escola. Essa instituição não pode negar a cultura midiática na produção de significados musicais das crianças, antes procurar entender a mídia como um dos espaços sociais nos quais essa cultura se constrói. O que gostam, valorizam e assumem em música é expresso em diferentes momentos e diversas formas. Cabe ressaltar que interpretam e vivem as culturas midiáticas a partir dos filtros intermediários e de experiências e significados compartilhados, ou seja, das mediações. Aí a escola deve se fazer presente como instituição que, mais do que criticar, ou ignorar a mídia e a música midiática, tem a função de preparar as crianças para expressar e ressignificar essas vivências. (SUBTIL, 2010, p. 273).

Neste sentido, espera-se criar um diálogo entre as partes, professor/aluno/escola, para que ocorra a valorização da cultura das crianças e ao mesmo tempo, proporcionar a elas momentos de descobertas que abarquem o conhecimento de gêneros musicais variados.

3. PROJETO DE INTERVENÇÃO: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Neste ano, trabalho na EMEI como professora de apoio em três turmas de idades entre 3 e 5 anos, substituindo as professoras regentes nos seus horários de ACEPAT. Desenvolvo o Projeto Jogos e Brincadeiras quando a rotina permite, pois durante o curto período de 4 horas (de 7:30H às 11:30Hs) que as crianças permanecem na EMEI, ainda precisamos dividir os horários com alimentação, higiene, biblioteca, informática e atividades paralelas segundo o cronograma institucional. Sendo assim, tenho em média 30 minutos diários com as crianças de cada turma.

No intuito de experimentar e conhecer o trabalho com as crianças maiores, optei pela escolha da turma de 5 anos para desenvolver o plano de ação e também pela possibilidade de já estar trabalhando com eles desde o começo do ano letivo.

Nos primeiros contatos com as crianças, minha intenção para elaborar o presente plano de ação se guiava através das cantigas de roda e brincadeiras populares. Coletei material referente a estas produções e conhecemos algumas brincadeiras. Fui percebendo que estes momentos logo se tornavam sem sentido, a média de duração das atividades se permeava em torno de 15 minutos, além do período que precisamos para concentrar e nos organizarmos entre as atividades. As crianças começavam a se dispersar, alguns perguntavam quando iam brincar de outras coisas, outros não queriam participar e tudo foi se tornando bem cansativo e

sem sentido. Fui percebendo que a minha proposta não estava encantando nem a mim e menos ainda às crianças. Foi um momento de grande tensão pois os dias se passavam me atropelando e o curso de pós-graduação à todo vapor com suas exigências. Além de toda gama de responsabilidades que temos com nossos turnos de trabalhos em casa e nas escolas, meu projeto se encontrava na estaca zero, precisava de uma luz.

3.1 A construção do projeto

Observando as crianças em suas brincadeiras livres percebi que elas cantavam entre si várias músicas da mídia, muitas de cunho adulto. Uma delas se repetia em vários destes momentos, era a música mais popular do grupo, elas cantavam em coro a seguinte canção:

*“Ô sol, vê se não esquece
E me ilumina
Preciso de você aqui.
Ô sol vê se enriquece
A minha melanina
Só você me faz sorrir
E quando você vem
Tudo fica bem mais tranquilo.
Ô tranquilo
Que assim seja, amém
O seu brilho é o meu abrigo, meu abrigo
E toda vez que você sai
O mundo se distrai.
Quem ficar, ficou.
Quem foi vai vai
Toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem ficar, ficou*

Quem foi vai vai vai
Quem foi vai vai vai”

Música: O Sol - cantor Vitor Kley

Uma música tão diferente da proposta inicial do projeto, se tornava ali uma esperança para meu trabalho de intervenção. Comecei a sondá-los sobre seus gostos musicais a partir de algumas conversas informais e pude perceber o quanto o assunto os atraía. A partir de um diário de bordo, colhi informações e planejei junto com as crianças nossas experiências relatadas a seguir.

3.2 Diário de bordo

3.2.1 Primeiro momento: escuta ativa das músicas das crianças

Em nossas rodas de conversas, fui perguntando sobre suas músicas preferidas e o que eles gostavam de ouvir em casa. Pedi que me ensinassem a cantar incentivando quem conhecia as músicas a cantar também, logo começaram a se envolver, cada um querendo mostrar o que sabiam e o que gostavam de ouvir fora da escola.

Montamos uma lista com todas as músicas que conseguimos lembrar naquele dia. Percebi que haviam algumas mais populares devido ao uso das mídias televisivas e internet. Um youtuber famoso entre as crianças, vários cantores sertanejos, em especial, um cantor que faleceu recentemente (Gabriel Diniz), sua música que já havia feito bastante sucesso quando lançou, retornou pelo enfoque das notícias na televisão. Temas de telenovelas infantis e muito funk, deste último haviam se esquecido, porém quando um aluno cantou uma música os outros logo foram cantando as músicas de funk que conheciam.

Lista das músicas citadas pelas crianças:

Vitor Kley – música “o Sol” (pop)

Thomas e seus amigos – desenho animado

Patrulha Canina – (desenho animado),

Larissa Manoela – (artista mirim, telenovela),

Marshmallow – (internacional),

Lucas Neto – (Youtuber),

Gabriel Diniz – O nome dela é Jennifer (sertanejo),

Funks: Parado no Bailão – Mc. L da Vinte e Mc. Gury, Só Quer Vrau – Mc. MM, Olha a Explosão, Mc. Kevinho.

Dentre as músicas que listamos, lembramos da primeira que os ouvi cantar enquanto brincavam, “O Sol”, música de autoria de um jovem cantor chamado Vitor Kley, que através de uma breve pesquisa na internet constatamos que se tratava de uma canção escolhida como trilha sonora de uma das novelas da Rede Globo de Televisão. O que por sua vez, nos remete sobre a relação da criança com o mundo midiático e o universo de músicas de cunho adulto. As crianças estão, quase sempre expostas a este contato através de suas famílias, seu grupo social e até mesmo dentro da escola na interação com seus colegas.

Nas letras do funk por exemplo, percebemos que na maioria das vezes, as crianças as cantam sem uma maior compreensão do conteúdos dessas letras e seus duplos sentidos porém são reproduzidas constantemente e causam euforia entre elas. Outras conhecem alguns significados e cantam talvez como forma de protesto ou subversão às regras, por estarem com seus amigos longe da presença dos pais como cita Dayrell (2002):

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. (DAYRELL, 2002 pag.119).

Portanto, o que se observa é o fascínio que estas músicas causam nas crianças que cantam e dançam nos momentos coletivos com seus colegas de sala, onde se divertem mostrando o que sabem.

3.2.2 Segundo momento: estabelecendo o diálogo

Na EMEI, acontece quinzenalmente uma grande roda onde as crianças apresentam músicas, parlendas ou teatro para todo o grupo, aproveitando esta oportunidade, sugeri às crianças que apresentassem esta música. Elas se mostraram bastante empolgadas pois apesar de já estarem acostumadas com as apresentações,

esta seria com uma música já conhecida e escolhida por eles, então começamos a trabalhar.

Levei uma caixinha de som, ouvimos e cantamos a música, pedi que fechassem os olhos e pensassem sobre o que estava acontecendo. Como a caixinha de som era vermelha e por ser um objeto diferente, eles queriam olhar e tocá-la (Figura 1). Contudo, conseguimos concentrar por alguns instantes para ouvir a música. Muitas opiniões, dentre elas algumas que consegui tomar nota:

- *Professora, o moço está no dia frio e quer o sol.*
- *Eu acho que ele está se lembrando da namorada.*
- *Ele viajou e estava de noite chovendo.*
- *Não! Essa música é de amor!*
- *O que é melanina?*

Figura 1 - Curiosidade com a caixinha de som.



Fonte: Arquivo pessoal

As crianças sempre pedem para brincar de escrever no quadro branco, então solicitei que registrassem no mesmo o que lembrassem a respeito da música da forma que soubessem. Entreguei os pincéis e eles foram se revezando apertados e às vezes disputando espaço para deixar o seu registro (Figuras 2,3 e 4).

Figura 2 - Registro no quadro sobre a música “O Sol”.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 - Cada um complementa o desenho onde sobra espaço.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 - Desenho sobre a música finalizado.



Fonte: Arquivo pessoal.

Neste momento pode ser observado a importância da “cultura de pares” (Corsaro, 2009, 2011), as crianças formulam seus conhecimentos através de suas próprias constatações e entendimento de mundo. Observam o outro e juntos se organizam na construção de novos esquemas. Para isso, se faz necessário a oferta de espaços e tempos que os proporcione momentos de troca entre si.

3.2.3 Terceiro momento: a letra musical alternativa

Para esta aula preparei o notebook com o videoclipe da música para que eles visualizassem onde se passava a narrativa da canção. De olhos bem atentos, observaram os personagens e tudo que havia no videoclipe. Sugeri que fizéssemos um vídeo nosso também, para isso recolhemos dados sobre o lugar, o videoclipe se passa em uma praia, e objetos instrumentos musicais e de uso dos personagens. Listamos e combinamos de trazer para a produção do vídeo.

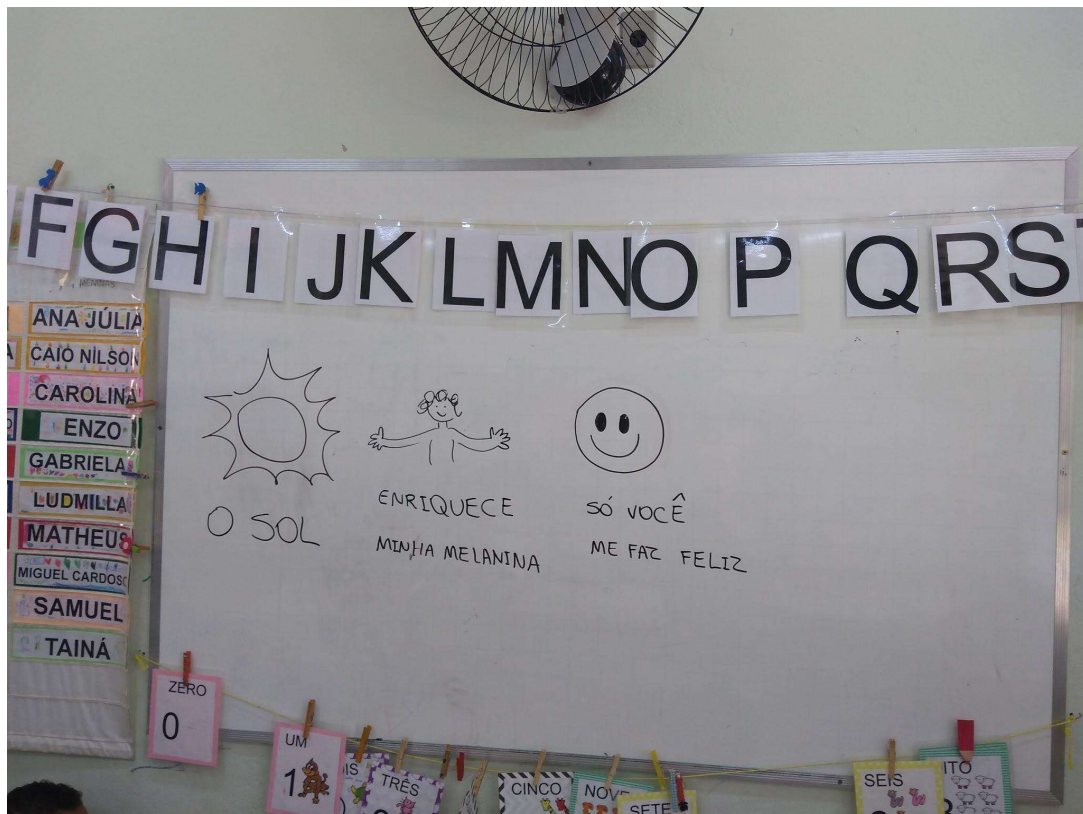
A partir disso, fez-se necessário entender a música e suas partes, para conhecer a letra. Sugeri uma espécie de letra musical alternativa, as crianças foram combinando desenhos que traduzissem as primeiras estrofes, dividimos a música em duas frases, e fomos registrando no quadro, de acordo com o que a música dizia. Apenas para memorizar a letra através das imagens, visto que ainda não estão alfabetizados. Escrevi as frases e palavras embaixo de cada ilustração para que percebessem que existe um significado em cada uma delas, uma grafia (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Desenhos sugeridos pelas crianças.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Segunda estrofe da música.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.2.4 Quarto momento: a produção do videoclipe

Combinamos previamente que a produção do nosso videoclipe aconteceria na semana das crianças, sugeri o dia do banho de mangueira, já que viriam de roupas de banho. Na roda de conversas do dia anterior ao da apresentação, pensamos juntos o que cada um poderia trazer, entre óculos de sol, bóia de piscina, e apetrechos afins, um aluno, Enzo, pediu para trazer seu violão de brinquedo. Na manhã seguinte do dia em questão, as crianças chegaram ansiosas, nenhum se esqueceu do que combinou de trazer. Eu fiquei de levar meu filho para tocar violão junto com eles. Ao chegarmos na sala, a empolgação tomou conta (Figura 7), entre várias falas e espanto, tanto com o instrumento, violão, quanto em relação ao filho da professora Tati. Abaixo cito algumas de suas falas:

- *Olha gente o filho da Tati!*
- *Claro que não é! O filho dela é pequeno e esse ta grandão!*
- *Posso pegar no violão? Nós também queremos tocar!*
- *Eu vou é pegar o meu violão pra te mostrar, vamos tocar junto! (Enzo entusiasmado em mostrar seu pequeno violão de brinquedo).*
- *Tem um buraco bem no meio.*
- *Sabe Tati, tem muitas música dentro do violão!*
- *Meu pai tem um violão, ele deixa eu pegar nele!*

Figura 7 - As crianças observam e fazem constatações sobre o instrumento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Chegada a hora de cantarmos juntos, o músico sentou-se ao chão e as crianças se dispuseram sentadas de frente a ele, em formato de meia-lua, quietas e concentradas, interessante observar que nenhuma intervenção em relação a disciplina aconteceu neste momento, nem sequer foi solicitado que fizessem silêncio. Uma atmosfera de seriedade parece ter tomado conta da turma, deixando-os concentrados, estavam tentando acompanhar o violão, fazendo o melhor que podiam para saírem bonitos na filmagem. Situação bem diferente da que eu previa, pois se trata de uma turma agitada e comunicativa, principalmente na minha presença pois as provooco no dia a dia com atividades de brincadeiras e jogos.

Enzo, me surpreendeu quando começou a tocar seu pequeno violão de brinquedo. Logo sugeri que sentasse ao lado do músico pra que tocassem juntos. A disposição de suas mãos nas cordas, o sincronismo com o ritmo por vários momentos na música e a habilidade de cantar junto se fez presente de forma espontânea (Figuras 8 e 9).

Figura 8 - Enzo acompanhando as batidas no violão enquanto as crianças acompanham cantando



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 - Enzo e as crianças cantam juntos e concentrados



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando a apresentação terminou, as crianças pediram para repetir, “*mais uma*”, “*vamos cantar de novo!*”, pareciam felizes com sensação de tarefa cumprida, seguiram para o parquinho cantando e correndo, para brincar no banho de mangueira (Figura 10).

As crianças experimentaram uma vivência musical, puderam apreciar a música trazida por elas sob a forma de áudio, vídeo, escrita da letra e por último cantaram em conjunto com um músico e seu violão. E ainda, desfrutaram de sensações físicas como o banho de mangueira, o sol a água, observados no contexto da canção escolhida. Como afirma Beyer e Keback (2009), “Temos opção para ouvir aquilo que nos dá prazer, tranquiliza, dá energia, que gostamos em determinados momentos e em outros não, enfim, realizamos nossas escolhas sonoras de acordo com nossos gostos pessoais.” (BEYER; KEBACK, 2009, p.7).

Figura 10 - O banho de mangueira



Fonte: Arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música está presente em vários momentos da vida do ser humano, como descrita na letra de “Música para Ouvir” do cantor Arnaldo Antunes citada na epígrafe desta pesquisa. Podemos escolher o que ouvimos como fonte de prazer ou até mesmo nos momentos mais introspectivos e melancólicos. A música é fonte inesgotável de cultura.

Acredito que talvez este seja um dos aspectos mais importantes e que devemos levar em consideração quando se dá início ao processo de musicalização, o respeito às diferentes culturas e gostos musicais trazidos pela criança para a sala de aula. O professor precisa entender que a música nos causa efeitos dos mais diversos ao ouvi-la, sejam estas sensações boas ou não, se faz necessário conhecer o vasto repertório que nos cerca para sermos bons ouvintes e opinantes porém livres de preconceitos.

Com isso, neste projeto entendemos que a criança é um ser social e produtor de cultura. Isso quer dizer que ela está inserida no mundo e através dele, mesmo tão pequena, já é capaz de fazer suas escolhas e construir suas vivências. Procuramos identificar como esta criança está inserida no mundo midiático, através dessas escolhas e interesses por músicas que muitas vezes vem do universo adulto. Ela assiste programas televisivos juntamente com seus parentes, sejam estes telenovelas, seriados, filmes e até propagandas e ao chegar na escola, socializa com seus pares muito do que vivência fora do ambiente escolar. Cabe à escola intermediar este acesso a várias informações, facilitando a apropriação de cultura, valorizando o que a criança traz de bagagem.

No projeto de intervenção, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer o instrumento, o músico e puderam experimentar o acompanhamento de uma canção, voz e violão. Acredito que foi um momento de livre expressão, estiveram na liberdade de ficar em pé ou sentados fazendo gestos ou não, porém, optaram por cantar em volta do violão, como assistiram no videoclipe da canção.

Contudo, a proposta não foi totalmente efetivada, a rotina, os espaços e até mesmo o planejamento não foram suficientes para que concluíssemos a última apresentação que seria a grande roda para toda a escola. Houveram feriados, mostra cultural, semana da criança, greve de professores entre outros percalsos que nos

impossibilitou de apresentar. No entanto, foi no próprio caminho entre as realizações dos momentos expostos no projeto que encontramos a máxima deste projeto, que foram as interações entre as crianças, suas motivações e poder entendê-los como seres pensantes e formadores de opiniões.

Das dificuldades encontradas, constatamos a falta de materialidade e estudos específicos na área musical para um ensino dentro dos padrões exigidos no entendimento da música como disciplina escolar. Sem um conhecimento prévio, as possibilidades pedagógicas musicais podem ficar restritas a vivências pouco significativas. Através deste trabalho, foi possível compreender que o espaço que a música ocupa na educação infantil ainda necessita de muito estudo, o professor deve estar em constante aprendizado para que sua prática não se torne uma excessiva rotina de atividades massantes em qualquer área de ensino.

Contudo, ainda que não esteja focado nas normas técnicas relacionadas ao ensino musical, acreditamos que este projeto propiciou uma experiência agradável às crianças e a partir desta, espera-se que este sirva de inspiração de um ponto de partida na busca por uma educação musical dentro das escolas, na construção em conjunto, professor-aluno, focando na parte mais importante que é a criança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf> - último acesso em: Maio de 2019.

BEYER, Esther e KEBACH Patrícia. **Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical** – Porto Alegre: Mediação, 2009. 160p. (Coleção Educação e Arte, 11)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília:MEC/SEF, 1998.<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de música na Educação Básica.** Brasília, 2013.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CORSARO, Willian Arnold. **Reprodução interpretativa e cultura de pares.** In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maira Almeida (Org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50

CORSARO, Willian Arnold. **Sociologia da Infância.** Tradução Lia Gabriele Regius Reis. Revisão técnica de Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAYRELL, Juarez. **O Rap e o Funk na socialização da juventude.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p.117-136, jan./jun.2002. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf> . Último acesso em Novembro/2019.
FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa/** Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed,2009. 405p. 25cm.

NOGUEIRA, Monique Andries. **Música e Educação Infantil: Possibilidades de Trabalho na Perspectiva de uma Pedagogia da Infância.** ANPED, 2005. <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/musica-e-educacao-infantil-possibilidades-de-trabalho-na-perspectiva-de-uma> - último acesso em: Agosto de 2019.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A Expressão Musical e a Criança de Zero a Cinco Anos. Educação Infantil: Diferentes Formas De Linguagem,** 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/451/1/01d14t08.pdf> - último acesso em: Agosto de 2019.

PARECER CNE/CEB Nº:12/2013. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de música na Educação Básica**. Brasília.

Último acesso em Dezembro de 2019.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14875-pceb012-13&category_slug=dezembro-2013-pdf&Itemid=30192

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate**. *Perspectiva*, Florianópolis: v. 20, n.Especial, p. 137-162, jul./dez 2002.

SUBTIL, Maria José Dozza. **O consumo musical midiático e a construção de sentidos por crianças de 9 a 12 anos** - comunicação, mídia e consumo. São Paulo vol.7 n.20 p.257-274 nov.2010. disponível em:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/284/259> último acesso em Outubro/2019

SUBTIL, Maria José Dozza, SEBBEN Egon Eduardo - **Mídias, tecnologias e infância: consumo musical na década de 2000 C&S** – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 1, p. 169-192, jan./abr. 2015

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4970/4632> - último acesso em Outubro/2019.